

Modos de ser livro

No prefácio da edição italiana do livro de Blumenberg *A legibilidade do mundo*, o filósofo Remo Bodei lembra que o texto é sempre um substituto, algo que reenvia para algo de diferente de si, a um significado recôndito — diz e não diz, revela e esconde. Por detrás dele supõe-se a presença de uma vontade de comunicar limitada, ciosa e selectiva, que exige leitores hábeis, fiéis e atentos¹.

Ocorreu-me que esta reflexão se coadunava com o tipo de legibilidade desviante e complexa que oferecem as esGritas, obgestos, artitudes, imagens, objectos falantes, silêncios, lutos, lutas e alvoro do *artor* António Barros.

O seu labor às vezes desagua em livros no sentido habitual do termo, e outras vezes não. É mais fácil voltar a eles de vez em quando se são livros mesmo, desses de pegar na mão, levar consigo, folhear, ler, encontrar um lugar na prateleira onde tenham alguma forma de fraternidade com os restantes, se ainda couberem. Destes, António Barros publicou *John Cage, música fluxus e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto*, de 2013. Por palavras suas “enuncia-se nesta obra uma *arena* de testemunhos de *vivenciação*. Resultaram eles de operações *experienciadas* em geografias diversas [...]. Trabalharam-se as **artitudes**, a condição do autor **artor** advogada nas territorialidades do happening, a **escultura social** beuysiana, a identidade **FLUXUS** e suas *contaminações*. [...] São os *silêncios sonoros*, e o *visualismo* constante que aí me convoca, parte integrante de uma investigação continuada no domínio do comportamento: *objecto_corpo_texto* [**obgestos**]. Todo um **silêncio** para além do silêncio. Depois de Cage. **Sonoro**. Essa Música, outra. Em *si[tuAção]*”².

No fundo, o livro elabora a memória de um percurso e uma reflexão sobre as confluências que se foram sedimentando. Uma história de relações, teias, pontes, como sintetizou Emanuel Dimas de Melo Pimenta aquando da apresentação “não é um livro sobre dois artistas, mas antes a visão de um artista que se une a outros dois”³. António Barros une-se a muitos outros, por isso se inscrevem no livro colaborações como “*River* com Augusta Villalobos, *Viver*, com Spiridon Shishigin, e *Vincos*, com Carlos Barretto, Carlos Zingaro e Vítor Rua – três elegias a Jorge Lima Barreto”⁴. Fazer um livro é uma forma de encontrar lugar e fio condutor para o que nos move, o que nos impele, para reter a dispersão do fluir da vida e neste caso é, também, reconhecidamente, uma elegia.

Mais recentemente, em 2021, publicou *Vulcânico palavrador*, outra elegia, desta vez a António Aragão. Uma revisitação que mergulha na infância, na família, nos lugares — a casa, o jardim, a capela —, que aflora raízes e ramificações. Testemunha um processo de caminhar para fora no espaço, à medida que António Barros caminha para dentro de si. Da caminhada fazem parte Aragão e outros retratados: Herberto Helder, Ana Hatherly, Maria Gabriela Llansol, Camus e Bauman. Assim, em formato livro, condensado, sequenciado, tudo se vai articulando e sugerindo conexões.

Mas há muitos modos de ser livro e as designações a que António Barros recorre assim o comprovam: *objecto_livro*, *corpo_objecto_livro*, *lugar_livro*, *objecto_livro habitável*⁵. Vejamos alguns exemplos:

Razão, de 2012, é um objecto-livro ou objecto-poema, em que almofadas com a palavra RAZÃO são dispostas umas sobre as outras, erigindo um muro. É, a seu modo, constituído por páginas e folheável⁶.

Vulcão olhando o prato, de 2022, dedicado ao vulcânico palavrador António Aragão, é constituído por uma embalagem cilíndrica, em metal, tendo na tampa um rótulo com o título e o autor. No interior contém: um

prato de porcelana negro, com poema visual a branco, pertencente à série *Vulcânico palavrador*, embalado numa folha impressa especificamente para o efeito, numerada e assinada; um exemplar do livro *Vulcânico PaLavrador: uma elegia a António Aragão*. Identificado como livro de artista na colecção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, recupera e reúne trabalhos anteriores, realçando-lhes os nexos ou criando outros. Assim, os poemas visuais a branco sobre pratos negros de *Vulcão olhando o prato* (2015) reapareceram parcialmente na instalação_objecto-livro *Palavra lava* (XXI Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira, 2020) e em *Vulcão olhando o prato _ou o VEntRe* (Museo Vostell Malpartida, 2023) integrados numa escultura_objecto_livro, onde se transmutaram para dar conta dos desastres da guerra. António Barros clarifica este processo de revisitação: “O texto residente no objecto, galvanizando-se, ganha diferentes condições semânticas conforme as *artitudes* editadas”⁷.

Florigen é um livro de artista em caixa de madeira, com o n.º 74 da revista *Islenha*, (Funchal, 2024), que celebrou os 50 anos de actividade artística de António Barros com textos de Isabel Santa Clara, Augusta Nascimento e Márcia de Sousa, bem como capa e separador com reprodução da peça *Florigen*. As intervenções de António Barros no exemplar da revista, para além dos dois rebites de metal a partir da página 57, onde acabam os textos que lhe dizem respeito, são: uma meia de criança na página 9, uma colher de sopa numa capa de tecido preta, um pequeno espelho na página 33, um saco de plástico com basalto na página 38 e o livro *John Cage: música, fluxos da música aleatória de Jorge Lima Barreto*. Integra também a colecção de livros de artista da colecção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian⁸.

Escravos_25 de Abril: 50 anos depois é outra caixa que tem na tampa um espelho com a palavra esc(r)avo e no revestimento interior o texto 5

momentos para uma leitura do poema visual Escravos. Acolhe ainda uma moldura com a fotografia do texto visual *Escravos* em contexto expositivo; uma camisola com aplicação do poema grafado; tubo em vidro com uma luva negra, dos dedos da qual saem ramos de plátano e papel; um pedaço de pão coberto de pigmento preto com a palavra esc(r)avo grafada; uma lata com o poema *Dez mandamentos: arte_educação*; folhas e sementes de plátano. A referida colecção da Biblioteca de Artes integra o exemplar 7/10, assinado e numerado.

Dentro deste modo de ser livro, contendo objectos vivenciados, poemas visuais, fragmentos de plantas, estiveram na exposição ***Escravos. Insulae***, em 2024, na Galeria dos Prazeres⁹, quatro objectos_livro, também eles em caixas cilíndricas.

Facies, apresentado no Teatro Municipal Baltazar Dias, em 2025, é, segundo o seu autor, “um objecto-livro habitável — visitável pelo leitor interveniente — que na performatividade dos objectos_obgestos, conjuga cinco rostos insulares: Filipa Moniz Perestrelo, António Aragão, Herberto Helder, Lourdes Castro e José Tolentino Mendonça. Resolve-se o objecto-livro em 5 esculturas, instalações, singulares, que conjugam o desafio a uma navegação sobre o discurso das insularidades e trazem contemporaneidade e condição performativa de uma “arte de acção”, de um “visualismo” na escrita, essa em modo esGrita tão identitário e distintivo das narrativas do autor”¹⁰.

António Barros optou por uma disposição longitudinal, ao longo do Salão Nobre do Teatro Municipal Baltazar Dias, em que os cinco rostos se sucediam, como o desenrolar de um *volumen*. *Facies* evocados através de dispositivos de leitura constituídos pelo poder evocativo dos objectos utilizados, capazes de entabular diálogos entre si, fios enredados no chão como linhas de pensamento que que entrelaçam. Foi este o seu espaço

habitável, dado a percorrer de rosto em rosto, à descoberta de cada um deles e das suas subterrâneas ligações¹¹.

Chegados aqui ficamos com interrogações: para além das sugeridas pelas peças em si, portadoras do desassossego inerente à sua pertença ao mundo do autor e à esfera de artes visuais, acrescem as interrogações acerca da sua condição de livros, ainda que se deem a ler preto no branco.

Recorremos então a algumas reflexões de Maria Augusta Babo, sobre a escrita do livro. Sabemos que o livro visa a instauração de uma ordem¹², mas a ordem destes livros não é sequencial, decorre liberdade de deriva e de associação, da residual performatividade, da intenção interventiva com que o *artor* opera. São visíveis, tanto quanto tangíveis, condensam o que foi vivenciado pela coexistência de objectos e linguagem verbal, em breve anotação ou em poética desarticulação. Porque tudo no mundo existe para tornar-se livro, como afirmou Mallarmé. Em suma, tal como os outros livros, são operadores de comunicabilidade.

Do mesmo modo, na sua qualidade de livros, são marca da ausência: não só ausência da voz, mas também ausência da realidade que ela evoca. O livro é “não só matéria física portátil, mas um espaço de a-presentação, um mediador entre escrita e leitura¹³”. Assim, cabe-nos a nós, leitores, instaurar um “protocolo de leitura”, na expressão de Derrida, que nos permita atravessar essa ponte.

As materialidades que compõem estes livros em campo expandido e assim lhes conferem transmissibilidade passam pelas palavras, pelos silêncios em baixo contínuo, pelas imagens e objectos apropriados e desviados. Pautam-se pela liberdade de deriva e de associação, pela performatividade, pela intenção interventiva.

George Kubler afirma que os objectos desejados e fabricados pelo homem são capazes de retratar o tempo. Frutos de um tempo, pressupõem acção inerente à sua tactilidade, portabilidade, funcionalidade. “Quando recorre a objectos, António Barros resgata-os do quotidiano, acrescenta-lhes uma carga poética desviante e reveladora, faz deles simultaneamente peças escultóricas e poemas visuais, inseridos, com ou sem palavras, num dispositivo de leitura. Ao designá-los, na ficha técnica, por materiais vivenciados, põe a tónica no resgate efectuado, tanto quanto na inseparabilidade entre vida e *artitude*”¹⁴.

A elaboração dos livros de António Barros evidencia a mutabilidade das peças, corresponde a uma reescrita de ideias ensaiadas em diferentes momentos, com diferentes dispositivos, é resultado de um devir. Voltando a Maria Augusta Babo “a escrita circula, a escrita refunda constantemente os contextos comunicacionais, a escrita é infinitamente recontextualizável e recontextualizada”¹⁵. Caminha-se numa repetição com diferença, numa aproximação.

Dar a ver e dar a ler, suscitar leituras e releituras, desassossegar pedagógica e sociologicamente, conduzir à *re_visitação*, na inquietação situacionista.

Bernardo Soares, o desassossegado heterónimo de Pessoa, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, afirma que a rua é um livro e diz também que as palavras não mostram, deixam transparecer¹⁶. Voltamos, pois, para encerrar, à flutuação entre revelar e esconder, à opacidade residual, inerente à (i)legibilidade do mundo, a nossa incessante construção.

Isabel Santa Clara

(Texto apresentado na Mesa Redonda: *António Barros, 50 anos de obra Gestos de esGrita*, integrada das *Jornadas POESIA E PERFORMANCE III – Resistência &*

Regeneração, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Porto, 22-3-2025)

¹ Hans Blumenberg, *La leggibilità del mondo*, Bologna, Il Mulino, 1981, pp. 10-11.

² António Barros, *Dois acontecidos Happennings e outras performatividades*: "John Cage, música FLUXUS e outros gestos de música aleatória em Jorge Lima Barreto", disponível em: <https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/2acontecidoshappenings/jonh-cage-musica-fluxus-outros-gestos-da-musica-aleatoria-jorge-lima-barreto/>

³ Emanuel Dimas de Melo Pimenta, "Céu, Terra, Homem", 2013 (texto da apresentação do livro de António Barros John Cage música FLUXUS e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto, na Casa da Escrita, Coimbra, em 20 de Dezembro de 2013) disponível em <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/emanuel-dimas-pimenta-ceu-terra-homem/>

⁴ António Barros, ibidem. <https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/2acontecidoshappenings/jonh-cage-musica-fluxus-outros-gestos-da-musica-aleatoria-jorge-lima-barreto/>

⁵ Participou, em 1986, na 1ª *Muestra de libro-objecto* organizada por Pablo del Barco e António Gomez, em Sevilha.

⁶ Ver mais informação em <https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/tridimensionais/antonio-barros-razaol/>

⁷ António Barros, folha de embalagem dos pratos de porcelana de *Vulcânico palavrador*, 2015.

⁸ Imagens disponíveis em <https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/tridimensionais/antonio-barros-florigen/>

⁹ Folha de sala e imagens disponíveis em <https://po-ex.net/exposicoes/exposicoes-individuais/antonio-barros-escravos-insulae-do-25-de-abril-50-anos-depois/#more-12942>

¹⁰ <https://po-ex.net/exposicoes/exposicoes-individuais/antonio-barros-facies/>

¹¹ Folha de sala e imagens disponíveis em <https://po-ex.net/exposicoes/exposicoes-individuais/antonio-barros-facies/#more-13394>

¹² Roger Chartier, citado por Maria Augusta Babo em *A escrita do livro*, Lisboa, Vega, 1993, p. 121.

¹³ Maria Augusta Babo, *Ibidem*, p. 124.

¹⁴ Isabel Santa Clara e Augusta Villalobos, "[re_Florigen] António Barros _uma revisitação", *Islenha* nº 74, jan-jun 2024, p.15.

¹⁵ Maria Augusta Babo, *A escrita do livro*, Lisboa, Vega, p. 123.

¹⁶ Bernardo Soares, *Livro do desassossego*, Lisboa, Assírio, p. 301.